

A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS EM ORAÇÕES INFINITIVAS NO PORTUGUÊS EUROPEU

PRONOMINAL CLITIC PLACEMENT IN INFINITIVAL CLAUSES IN EUROPEAN PORTUGUESE

Pilar Barbosa
pbarbosa@ilch.uminho.pt

Olga Rodygina
olgarodygina@rambler.ru

Este artigo investiga os padrões de colocação (enclítico ou proclítico) dos pronomes clíticos em orações com o infinitivo não flexionado no português europeu (PE). Segundo as gramáticas de referência, estas distinguem-se das orações de tempo finito ou das orações infinitivas com a forma flexionada por admitirem a ênclise mesmo na presença de um elemento “proclisador” (preposição-complementador, operador de negação, advérbio de focalização ou aspetual, sintagma-*Qu*). Em estudos recentes desenvolvidos no quadro da sintaxe generativa, esta alternância é tida como um caso de variação livre. O presente trabalho procura contribuir para o esclarecimento deste fenómeno mediante um estudo quantitativo das ocorrências de um e outro padrão no *corpus* escrito CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público^[1]) e numa tarefa de elicitación de juízos de gramaticalidade realizada por falantes nativos do PE. Apesar de se confirmar a ideia de que as construções infinitivas com a forma não flexionada se distinguem das construções infinitivas com a forma flexionada e das orações de tempo finito por permitirem ambos os padrões de colocação na presença de elementos proclisadores, os dados quantitativos obtidos neste estudo revelam que há uma muito clara preferência pela próclise, facto nunca antes observado na literatura.

Palavras-chave: clíticos pronominais; próclise; ênclise; infinitivo flexionado; infinitivo não flexionado; português europeu

* Universidade do Minho, CEHUM, Braga, Portugal.

** Universidade do Minho, CEHUM, Braga, Portugal.

1 Disponível em <http://dinis.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>, consultado em Abril-Maio de 2009.

This article examines the patterns of pronominal clitic placement (enclitic and proclitic) observed in non-inflected infinitival clauses in European Portuguese (EP). These clauses have been taken to differ from finite or inflected infinitival clauses in allowing enclisis even in the presence of a proclisis trigger (a complementizer, sentential negation, focus operators or *wh*-phrases). In recent studies within the framework of Generative Grammar, the alternation between enclisis and proclisis in these contexts is a case of free variation. This paper aims to contribute to the understanding of this phenomenon by carrying a quantitative study of the occurrences of each pattern in the written *corpus* CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público^[2]) as well as in a grammaticality judgement task applied to adult EP native speakers. Even though the results of the study confirm the claim that non-inflected infinitival constructions differ from inflected infinitival and finite clauses in the presence of proclisis triggers, the quantitative data obtained reveal that there is a clear preference for proclisis, a finding that has never been observed before in the literature on the topic.

Key words: pronominal clitics; proclisis; enclisis; inflected infinitives; non-inflected infinitives; European Portuguese

1. Introdução

O objectivo deste artigo é investigar os padrões de colocação (enclítico ou proclítico) dos pronomes clíticos em orações com o infinitivo não flexionado no português europeu (PE). Estas distinguem-se das orações de tempo finito (cf (1)) ou das orações infinitivas com a forma flexionada (cf. (2)) porque admitem a ênclise *mesmo na presença de um elemento “proclisador”* (preposição, operador de negação, advérbio de focalização ou aspec-tual, ou sintagma-*Qu*).

- (1) a. Eles não a viram.
b. *Eles não viram-na
- (2) a. É pena eles não a terem aceitado.
b. *É pena eles não terem-na aceitado.
- (3) a. Eles podem não a aceitar.
b. Eles podem não aceitá-la.

2 Disponível em <http://dinis.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>, consultado em Abril-Maio de 2009.

Este fenómeno de variação entre a ênclise e a próclise na presença de elementos “proclisadores” sempre existiu na língua portuguesa (cf. Martins, 1994). Para além disso, está documentado nas gramáticas de referência (Said Ali, 1964) e é confirmado pelas intuições dos falantes. Num estudo recente desenvolvido no quadro da sintaxe generativa, Raposo e Uriagereka (2005) assumem que este é um fenómeno de variação livre. Porém, não há qualquer estudo que tenha especificamente abordado a questão de saber se efetivamente a variação em causa é livre ou condicionada, ou se há preferência por um padrão em detrimento do outro. Neste trabalho, procuramos contribuir para o esclarecimento deste fenómeno mediante um estudo quantitativo das ocorrências de um e outro padrão no *corpus* escrito CETEMPúblico (*Corpus* de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público³) e nas respostas a um teste de gramaticalidade aplicado a falantes nativos do PE. O nosso objectivo é pré-teórico: não se trata de formular hipóteses explicativas do fenómeno em causa, mas sim estabelecer generalizações descritivas seguras que possam servir de base a trabalho futuro.

Este artigo está dividido em 6 secções. Na secção 2 abordam-se algumas questões gerais acerca das formas clíticas pronominais nas línguas românicas e no PE. Na secção 3, apresentamos a descrição e a análise dos dados do nosso *corpus*. Na secção 4, analisamos e discutimos os nossos resultados no quadro dos trabalhos já realizados sobre o tema. Na secção 5 apresentamos os resultados de um teste de gramaticalidade concebido para testar os contextos considerados mais problemáticos. A secção 6 apresenta sumariamente as principais conclusões do estudo.

2. Considerações gerais

As formas clíticas são definidas tradicionalmente como itens lexicais sem acento prosódico atribuído no léxico, razão pela qual ficam sempre adjacentes à palavra acentuada de que dependem. Adoptando a classificação introduzida por Zwicky (1977), é comum distinguir-se duas classes de clíticos (cf. Duarte, 2003 e Vigário, 2003): **clíticos simples** (artigos e preposições) e **clíticos especiais** (pronomes pessoais átonos). Esta classificação é determinada pelo comportamento particular dos pronomes pessoais átonos em relação a certos aspectos que os distinguem das outras formas clíticas (artigos, preposições e conjunções):

3 Disponível em <http://dinis.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>, consultado em Abril-Maio de 2009.

- (i) não têm uma posição fixa relativamente ao seu hospedeiro e admitem três possibilidades de colocação: podem preceder o hospedeiro (próclise), segui-lo (ênclise) ou até (aparentemente) ocorrer no seu interior (mesóclise);
- (ii) nas línguas românicas, seleccionam a categoria gramatical do seu hospedeiro, que pode ser só o verbo.

Os pronomes clíticos da família linguística românica podem preceder ou seguir o verbo ocupando, respectivamente, uma posição proclítica ou enclítica. Segundo os critérios que determinam essa posição podemos distinguir dois tipos de sistemas de línguas:

- a) aqueles em que a posição dos clíticos pronominais varia em função das propriedades da flexão verbal;
- b) aqueles em que a posição dos clíticos pronominais é condicionada por factores contextuais, i.e., não depende exclusivamente das propriedades da flexão verbal.

No primeiro caso situam-se o espanhol, o italiano, o catalão e o francês, em que a distribuição enclítica ou proclítica dos clíticos pronominais depende da forma verbal. Se a forma verbal é finita, os clíticos pronominais ocupam a posição proclítica ao verbo (4). Nas construções com formas verbais não finitas, a posição do clítico varia com a língua: em espanhol/italiano/catalão, a ênclise ocorre com as formas verbais do infinitivo, gerúndio e imperativo afirmativo (veja-se os exemplos do espanhol em (5)). Em francês, pelo contrário, os clíticos colocam-se procliticamente ao infinitivo (cf. 6a) e ao gerúndio (cf. 6b); a ênclise observa-se só com as formas afirmativas do imperativo (cf. 6c).

- (4) a. Maria **la** compró. [Espanhol]
b. Martine **le** lit. [Francês]
c. Martina **lo** legge.
- (5) a. No pensarás comprart**elo**. [Espanhol]
b. Termine dand**oselo** a ella.
c. Cómpr**alo** .
- (6) a. Martine veut **lui** parler. [Francês]
b. En **le** lisant, il fut facile de décider.
c. Lis-**le** !

No segundo caso, situa-se o PE, em que a alternância entre os dois padrões (enclítico e proclítico) se verifica tanto com as formas verbais finitas como com as infinitivas, dependendo de factores contextuais. Em orações finitas em PE, as posições proclítica ou enclítica são contextualmente determinadas. A próclise ocorre sempre que os seguintes elementos precedem o complexo verbal no interior da oração mínima que o contém: operadores de negação frásica e sintagmas negativos; sintagmas-*Qu* interrogativos, relativos e exclamativos; complementadores simples e complexos; advérbios de focalização e aspetuais; certo tipo de expressões não-referenciais quantificadas. A ênclise ocorre em todos os outros casos.

Este padrão de colocação dos pronomes átonos tem sido objecto de vários estudos no quadro da sintaxe generativa (cf. Duarte, 1983; Rouveret, 1992; Madeira, 1992; Martins, 1994; Uriagereka, 1995; Barbosa, 1996, 2008, Raposo, 2000; Duarte/Matos, 2000; Duarte, Matos & Gonçalves, 2005; Raposo/Uriagereka, 2005). Uma vez que o objectivo deste artigo é de pendor descritivo apenas, não nos deteremos nestas análises e remetemos o leitor interessado para as referências citadas. Na secção seguinte descrevemos os dados relativos aos padrões de colocação em orações infinitivas.

3. Análise empírica dos dados do *corpus*

3.1 Descrição e estrutura do *corpus*.

No desenvolvimento do presente estudo decidimos restringir a análise só a factores de natureza sintáctica, concentrando-nos sobretudo na língua escrita. Assim, o *corpus* seleccionado, que é constituído por 10758 exemplos, apresenta só amostras extraídas do *corpus* electrónico CETEMPúblico (*Corpus* de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público) disponibilizado pela LINGUATECA. Todos os dados do *corpus* estão distribuídos conforme a função sintáctica da oração infinitiva em que os pronomes clíticos ocorrem e estão divididos em dois grupos: ocorrências de infinitivo flexionado e ocorrências de infinitivo não flexionado. Cada grupo, por sua vez, também está dividido em duas secções: (i) casos em que a forma infinitiva não é precedida por um elemento proclisador; (ii) casos em que a forma infinitiva é precedida por um elemento proclisador (preposição, negação ou advérbio de focalização). A situação (ii) subdivide-se em dois grandes grupos: (a) a oração infinitiva é introduzida por preposição; (b) a oração infinitiva não é introduzida por preposição.

3.2 Padrões de colocação do clítico pronominal em orações infinitivas sem um elemento proclisador

Nos casos em que a forma infinitiva não é precedida, no interior da mesma oração, por um elemento proclisador, observámos um comportamento idêntico entre o infinitivo flexionado e o não flexionado: não há nenhuma variação e a posição enclítica é dominante (100%). Os 5 casos de próclise (1%) com infinitivo não flexionado na função de objecto directo encontrados no *corpus* (veja-se o Gráfico-1) não são suficientemente significativos para serem considerados relevantes. A seguir, apresentamos graficamente estes resultados:

Quadro-1 – Infinitivo não flexionado; contextos sem proclisador.

Domínio sintáctico Completivas verbais na função de:	Sem proclisador no domínio encaixado				Total
	Ênclise	%	Próclise	%	
objecto directo	678	99%	5	1%	683
sujeito	280	100%	0	0%	280
predicativo de sujeito	96	100%	0	0%	96

Os casos em que a construção infinitiva é seleccionada pelos verbos modais *poder* e *dever*, que também regem infinitivo não preposicionado, mostram a mesma tendência de ênclise categórica (100%). Os 4 casos de próclise encontrados com o verbo *dever* (2%) também não foram considerados relevantes (note-se que, nestes casos, o clítico se liga ao infinitivo, portanto consideramos que estes exemplos não envolvem o processo de reestruturação (cf. Rizzi, 1978)⁴).

4 Os exemplos com próclise parecem ser citações, não sendo, por isso, de excluir a possibilidade de, em alguns casos pelo menos, o locutor não ser falante nativo da variedade europeia do português.

Quadro-2: Verbos modais *poder, dever*

Domínio sintáctico	Verbo	Sem proclisador (no domínio encaixado)				Total
		Ênclise	%	Próclise	%	
Verbos modais	Poder	414	100%	0	0%	414
	Dever	198	98%	4	2%	202

3.3 Padrões de colocação do clítico pronominal em orações infinitivas sem flexão com um elemento proclisador

Nesta secção, começaremos por considerar os contextos em que a oração infinitiva não é introduzida por uma preposição. Depois, consideraremos os contextos em que a oração é regida de preposição e examinaremos o comportamento de cada uma das preposições encontradas no *corpus*. Deste modo, a nossa apresentação dos dados está organizada de maneira que permita ver o comportamento dos pronomes clíticos nos contextos em que

- a oração infinitiva não é regida de preposição e contém um elemento proclisador (negação frásica ou advérbio de focalização);
- a oração infinitiva é regida de preposição.

A. Orações infinitivas não regidas por preposição e com um elemento proclisador no domínio encaixado

- Infinitivo não flexionado

Nesta secção, apresentaremos, primeiro, os dados que mostram a distribuição dos pronomes clíticos com um operador de negação no domínio encaixado e, depois, os dados com advérbios aspetuais e de focalização. A distribuição dos dados no *Corpus* mostra que, na ocorrência do operador de negação no domínio encaixado, o padrão dominante é a próclise; todavia, foram encontradas ocorrências de ênclise em orações infinitivas completivas de objecto.

Quadro 3. Variação na presença do operador de negação (infinitivo não flexionado).

Função sintáctica	Com negação no domínio encaixado				Total
	Ênclise	%	Próclise	%	
Completivas de objecto	22	7 %	285	93%	307
Verbos modais ¹	9	5 %	169	95%	178
Completivas de sujeito	0	0%	17	100%	17
Predicativo de sujeito	0	0%	5	100%	5

A seguir citamos alguns dos exemplos de ênclise encontrados^[5]

- (7) a. Ext 276564 (nd, 98a): O júri de selecção do Prémio Literário Vergílio Ferreira de 1997 **decidiu não atribui-lo** este ano ... ».
- b. Ext 949074 (soc, 93a): O juiz **entendeu não ouvi-lo**, neste dia marcado para as alegações finais.
- c. Ext 601110 (des, 93b): Se as taxas de juro são muito elevadas, o Estado **pode não aceitá-las** e eu acho que isso não se contesta.

Como já referimos antes, os advérbios aspetuais e de focalização são elementos proclisadores. Contudo, com a forma não flexionada do infinitivo, conseguimos encontrar casos de ênclise mesmo na presença destes advérbios. Estes casos são extremamente difíceis de identificar, uma vez que nem sempre é possível determinar com um elevado grau de certeza se o advérbio pertence à oração superior ou à oração subordinada. Deste modo, optámos por colocar de lado todos os casos de ênclise passíveis de ser analisados das duas maneiras (com o advérbio no domínio superior ou no domínio encaixado). Mesmo assim, em 26 casos de ocorrência de orações infinitivas completivas não regidas de preposição com os advérbios de focalização *só, já*, houve 5 casos de ênclise e 21 casos de próclise. Com os verbos modais *poder, dever* encontrámos 6 casos de ênclise e 3 de próclise.

5 Não foram incluídos na contabilização os casos em que a negação faz parte da locução coordenativa correlativa 'não só mas ...':

Quadro 4. Variação na presença de um advérbio aspectual ou de focalização.

Domínio sintáctico:		Com advérbio no domínio encaixado				Total
		Ênclise	%	Próclise	%	
Completivas de objecto		5	19%	21	81%	26
Verbos modais	<i>Poder</i>	4	57 %	3	43%	7
	<i>Dever</i>	2	100%	0	0%	2
Completivas de sujeito		0	0%	0	0%	0
Predicativo de sujeito		0	0%	0	0%	0

A seguir apresentamos alguns dos exemplos de ênclise encontrados no *corpus*:

- (8) a. Ext 541071 (soc, 93a): Mas é evidente a desmobilização da maioria dos alunos, que parece **já ter-se** habituado a ideia de que vai ter mesmo que pagar as propinas
 b. Ext 1551196 (pol, 91a): Este documento deveria ser assinado hoje de manhã, mas, respondendo ao apelo que a deputado Helena Roseta e o professor Agostinho da Silva lhes fizeram pessoalmente no encontro de quinta-feira, os reclusos decidiram **só fazê-lo** na próxima segunda-feira.

- Infinitivo flexionado

São escassas as ocorrências de formas clíticas em orações com o infinitivo flexionado não regido de preposição e com um elemento proclisador (negação ou advérbio). Não foi encontrado nenhum caso de ênclise.

Quadro 5. Infinitivo flexionado não preposicionado; proclisador no domínio encaixado.

Domínio sintáctico:	Proclisador no domínio encaixado				
	Ênclise		Próclise		Total
Sujeito	0	100%	0	0%	0
Predicativo de sujeito	0	100%	1	100%	1
Completivas verbais na função de objecto directo	0	0%	5	100%	5

3.4 A colocação dos pronomes clíticos em orações infinitivas regidas por preposição

Magro (2005) observou que as preposições não têm um comportamento homogéneo no que respeita aos padrões de colocação dos pronomes clíticos em orações infinitivas com a forma não flexionada: há preposições que favorecem a ênclise (*a/em*) e preposições que promovem a próclise (*de, para, por*). Os dados do nosso *Corpus* reforçam estas observações e provam que cada preposição promove um ou outro padrão independentemente da função sintáctica desempenhada pela oração infinitiva. Optámos por dividir todos os casos de variação em duas secções que vamos tratar separadamente. A primeira secção é dedicada às orações infinitivas introduzidas pelas preposições *a/em*; a segunda é consagrada às preposições *de, por e para*. Por limitações de espaço, optou-se por excluir todos os casos em que a construção infinitiva é seleccionada por um verbo semi-auxiliar (como *começar a, acabar de, ter de* ou *haver de*, etc.). Nestes casos, a possibilidade de formação de um predicado complexo levanta questões particulares cuja discussão ultrapassa os limites deste trabalho (para uma descrição destes contextos, veja-se Rodygina (2010)). Optámos por incluir na classe das orações adverbiais introduzidas pela preposição *a* todas as orações adverbiais formadas por *a+Infinitivo* em que o resultado da combinação da preposição com a forma infinitiva assume um valor equivalente ao gerúndio (Raposo, 1986; Duarte, 1992). Nestes contextos, a preposição tem claramente um valor aspetual.

- (9) Ext 239533 (clt, 94a): P. ---... Já em adolescente escreveu a Jean Renoir a **agradecer-lhe** dois filmes...

- **Infinitivo não flexionado**

- As preposições *a/em*

As preposições *a/em* favorecem a posição enclítica dos pronomes, sendo este padrão o único possível no caso da preposição *a*.

Quadro 6. Orações infinitivas regidas pelas preposições *a, em* (Inf. sem flexão)

PREP.	Domínio sintático	Sem proclisador (no domínio encaixado)				Tot.
		Ên- clise		Prócli- se		
A	Completivas verbais	340	99%	3	1%	343
	Completivas nominais	25	100%	0	0%	25
	Completivas adjectivais	84	100%	0	0%	84
	Orações adverbiais	528	99.8%	1	0.2%	529
	Locuções de sentido adverbial: <i>de modo a, por forma a, etc.</i>	78	100%	0	0%	78
EM	Completivas verbais	57	75%	19	25%	76
	Completivas nominais	43	52%	39	48%	82
	Completivas adjectivais	7	42%	10	58%	17

Como se pode ver no Quadro-6, as orações infinitivas introduzidas pela preposição *a* não apresentam variação significativa na colocação dos clíticos (o número de ocorrências de próclise não é suficientemente significativo.) Nos domínios infinitivos regidos pela preposição *em* a variação já é assinalável: nas completivas verbais e nominais, vê-se a predominância do padrão enclítico (75% e 52% de ênclise respectivamente), nas completivas adjetivais predomina a próclise (58%).

- As preposições *de*, *por*, *para* e outras.

Em primeiro lugar, interessa-nos verificar se existe variação nas orações introduzidas por *para* e seleccionadas por verbos declarativos de ordem. Tem sido defendido (cf. Mateus et. al., 2003) que, nestes casos, a preposição *para* tem o estatuto de complementador, uma vez que não ocorre enquanto elemento introdutor de complementos nominais (cf. (10b) e está geralmente em distribuição complementar com o complementador *que* (11b):

- (10) a. Disseram-me para falar com ele.
 b. *Disseram-me para isso.
- (11) a. Disseram-me que fosse falar com ele.
 b. */? Disseram-me para que fosse falar com ele.

Estes dados indicam que *para* tem o estatuto de complementador. No Quadro-7 apresentamos os dados do *corpus*:

Quadro 7. Orações infinitivas (sem flexão) regidas pela preposição *para* com verbos declarativos de ordem

Ênclise	%	Próclise	%	Total
4	4%	87	96%	91

Os dados mostram que a posição predominante dos clíticos em combinação com verbos declarativos de ordem é a próclise. Não obstante isto, encontrámos 4% de ocorrências de ênclise, o que indica que, mesmo nos casos em que, presumivelmente, a “preposição” tem o estatuto de complementador, a ênclise não é excluída:

- (12) a. Ext 343095 (clt-soc, 94a): Depois, **pedi para abri-la** em branco.

b. Ext 396135 (clt, 92a): Encenei «Lulu», de Alban Berg, no Festival de Spoleto e o «Rigoletto», de Verdi, em Munique, mas porque me **pedi-rampara fazê-lo**.

No quadro que se segue, apresentamos os dados relativos aos outros contextos de ocorrência de *para* e de outras preposições. Na organização destes dados seguimos o mesmo critério que no caso da preposição *a*, ou seja, seleccionámos apenas os contextos em que a construção infinitiva forma uma oração infinitiva independente, excluindo assim os contextos em que é seleccionada por um verbo semi-auxiliar.

Quadro 8. Orações infinitivas regidas pelas preposições *de*, *por*, *para*

Prepo- sição	Domínio sintáctico	Êncli- se:	%	Prócli- se:	%	Total
DE	Completivas verbais	9	5%	162	95%	171
	Completivas nominais	34	3%	940	97%	974
	Completivas adjectivais	7	4%	155	96%	162
	Locuções de sentido adverbial (longe de, depois de, além de, antes de, apesar de)	7	1.8%	383	98.2%	390
	Locuções nominais de sentido adverbial: <i>a fim de; no sentido de; ao ponto de; ao invés de, no caso de, em vez de</i>	7	4%	154	96%	161

PARA	Completiva verbal (<i>servir para</i>)	0	0%	9	100%	9
	Completiva nominal:	3	2%	144	98%	147
	Completiva adjectival:	0	0%	59	100%	59
	Completiva do advérbio (<i>cedo para</i>)	0	0%	11	100%	11
	Adjunto (adverbial, adnominal, adjectival)	34	4%	859	96%	893
POR	Completiva verbal	3	15%	17	85%	20
	Completiva adjectival	2	15%	11	85%	13
	Adjunto (adverbial, adnominal, adjectival):	0	0%	75	100%	75

Quadro-9: Orações infinitivas regidas por outras preposições

Prep.	Ênclise:	%	Próclise:	%	Total
APÓS	2	20%	8	80%	10
SEM	2	0.08%	244	99.2%	246
ATÉ	4	7%	53	93%	57

Como se pode ver, as preposições *de*, *por*, *para*, *sem*, *após*, etc., admitem uma certa variação na colocação dos clíticos embora haja uma clara predominância de próclise. A seguir, transcrevemos apenas exemplos ilustrativos do emprego de ênclise:

- (13) a. Ext 181926 (pol, 93a): Os rebeldes viram também a sua acção facilitada no resto do país, onde muitas cidades **optaram por proclamar-se** neutrais em relação ao conflito de poder, apesar da maioria dos dirigentes ter sido eleita pela Frente Popular do Presidente Eltchibey.

b. Ext 176772 (com, 98b): Este «simulador de acção» não parece **capaz de arrancar-se** do chão.

c. Ext 231843 (nd, 98b): «Álvaro Cunhal telefonou-me para Frankfurt **para felicitar-me...**».

- **Infinitivo flexionado**

Os dados do nosso *corpus* com o infinitivo flexionado são muito mais escassos do que com o infinitivo sem flexão. Por isso, optámos por apresentar todos os casos num único quadro:

Quadro-10: Infinitivo flexionado precedido por preposição

Preposição	Domínio sintáctico	Ên-clise	%	Pró-clise	%
A	Completivas verbais	51	100%	0	0%
	Completivas nominais	0	100%	0	0%
	Completivas adject.	15	100%	0	0%
	Adjunto adverbial	59	100%	0	0%
	Locuções nominais de sentido adverbial: <i>De modo a, com vista a, por forma a</i>	7	100%	0	0%
EM	Completivas verbais	0	0%	1	100%
	Completivas nominais	3	50%	3	50%
	Completivas adjectivais	1	100%	0	0%
DE	Completivas verbais	0	0%	51	100%
	Completivas nominais	0	0%	105	100%
	Completivas adjectivais	0	0%	10	100%
	Locuções de sentido adverbial <i>Adv.-Prep.-Inf.</i> :	0	0%	172	100%
	Locuções nominais de sentido adverbial	0	0%	8	100%
PARA	Completivas verbais	0	0%	5	100%
	Adjunto (adnominal, adjectival, adverbial)	0	0%	92	100%
POR	Completivas adjectivais	0	0%	6	100%
	Adjunto adverbial	0	0%	19	100%
Outras preposições	<i>Após</i>	0	0%	9	100%
	<i>Sem</i>	0	0%	34	100%
	<i>Até</i>	0	0%	6	100%

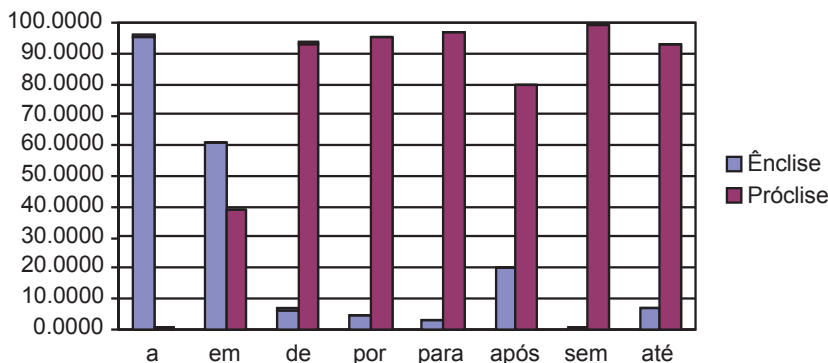
Como se pode observar, no caso das orações infinitivas com o infinitivo flexionado vemos a mesma tendência que observámos com infinitivo não flexionado: a distribuição dos pronomes clíticos depende da preposição que introduz a oração infinitiva. A ênclise ocorre só em orações infinitivas regidas pelas preposições *a*, *em* independentemente da sua função sintáctica. Estas preposições comportam-se com o infinitivo flexionado da mesma maneira que com o infinitivo impessoal: a preposição *a* admite só a posição enclítica, a preposição *em* admite variação (50% de ênclise).

No caso das preposições *de*, *por*, *para*, há diferenças entre as duas formas do infinitivo: a forma não flexionada admite uma certa variação, embora o padrão predominante seja a próclise; as orações infinitivas com a forma flexionada admitem apenas a posição próclítica.

3.5 Conclusões

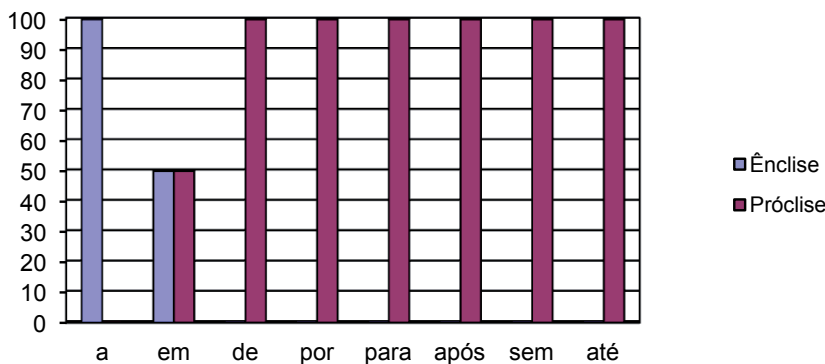
Comparando os dados apresentados acima, podemos tirar as seguintes conclusões relativamente ao comportamento do infinitivo flexionado e do infinitivo não flexionado nos contextos por nós seleccionados.

- 1) Nos casos em que o infinitivo não é precedido, no interior da mesma oração, por um elemento proclisador, observamos um comportamento idêntico entre o infinitivo flexionado e não flexionado: não há nenhuma variação e a posição enclítica é a única opção (100%).
- 2) Nos contextos em que a oração infinitiva não é regida de preposição e contém um elemento proclisador (negação ou advérbio) observa-se um comportamento diferente entre o infinitivo flexionado e o infinitivo não flexionado. No caso do infinitivo não flexionado, há variação, embora se verifique uma clara predominância de próclise. Os dados obtidos com o infinitivo flexionado são escassos; porém, apenas a próclise foi atestada.
- 3) Nas circunstâncias em que o infinitivo (flexionado ou não-flexionado) é regido de preposição, a colocação do pronome clítico depende de preposição que introduz a oração infinitiva. A preposição *a* favorece só a ênclise tanto com a forma não flexionada como com a forma flexionada; a preposição *em* admite variação entre a ênclise e a próclise com ambas as formas do infinitivo. Com as restantes preposições, o infinitivo flexionado não admite nenhuma variação, encontramos só próclise; o infinitivo não-flexionado, em contraste, admite variação, embora a próclise seja o padrão predominante (a ênclise não excede os 20%).

Gráfico 1: Infinitivo não flexionado

4 As propostas de Magro (2005) e Duarte (2003)

Uma vez descritos e sistematizados os dados, passamos à avaliação crítica de algumas das propostas de explicação da variação detectada em domínios infinitivos sem flexão. A literatura de língua portuguesa sobre o assunto não é abundante. Destacamos aqui duas propostas: a de Magro (2005), que procura explicar a variação existente pelo estatuto diferente do introdutor da oração infinitiva, e a de Duarte (2003), que aborda em particular a questão da variação na presença de operadores de negação. A seguir, fazemos uma breve apresentação destes trabalhos.

Gráfico 2: Infinitivo flexionado

4.1 A proposta de Magro (2005) e a questão do estatuto das preposições introdutoras das orações infinitivas

No seu estudo sobre a colocação dos pronomes clíticos nas orações infinitivas regidas de preposição, Magro (2005) chega à conclusão de que as preposições não têm um comportamento homogêneo no que respeita aos padrões de colocação dos pronomes clíticos em orações infinitivas com o infinitivo não preposicionado: há preposições que favorecem a ênclise como padrão preferencial de colocação dos clíticos (*a, em*), e há preposições que promovem mais a próclise (*de, para, por, sem*). Magro relaciona este facto com o fenómeno da subida do clítico: em construções com verbos semi-auxiliares, a admissão da subida do clítico também depende da preposição que introduz a oração infinitiva, ou seja, as preposições que favorecem ênclise (por exemplo, *a*) ocorrem em contextos que admitem a subida do clítico; pelo contrário, as preposições que favorecem próclise (*de, por*) bloqueiam a subida do clítico.

Segundo Magro, estes factos devem-se à natureza diferente dos introdutores das orações infinitivas. As preposições que favorecem a subida do clítico e induzem ênclise são verdadeiras preposições (núcleos de PPs); as preposições que bloqueiam a subida do clítico e induzem próclise são complementadores (núcleos de CPs). Assim, alguns dos elementos pertencentes à classe tradicional das “preposições” podem ter uma dupla entrada lexical e, por isso, podem funcionar ou como verdadeiras preposições ou como complementadores. A variação na colocação dos clíticos depende então da possibilidade de cada um desses elementos poder ter uma dupla entrada lexical, um estatuto categorial diferente.

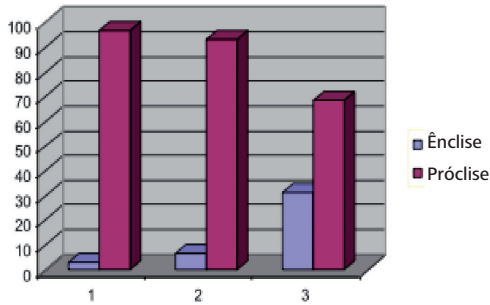
Como se pode ver nos Gráficos 1 e 2, os dados do nosso *corpus* confirmam parcialmente esta ideia de Catarina Magro. A preposição *a* tem um comportamento idêntico tanto em construções com o infinitivo não flexionado como em estruturas com a forma flexionada, determinando a ênclise categórica em ambos os casos. Este facto é consistente com os dados de Magro pelo que adoptamos aqui a sua sugestão de que *a* é uma verdadeira preposição. Sendo uma preposição, selecciona a oração infinitiva como complemento; logo, é externa à oração. Assumindo que apenas os elementos que são internos à oração podem funcionar como proclisadores no interior dessa oração, explica-se o facto de esta preposição não atuar como elemento proclisador e condicionar a ênclise.

Em tem um comportamento muito interessante e diferente do das outras preposições porque admite uma variação muito grande tanto com

o infinitivo não flexionado como com o infinitivo flexionado. Na linha da proposta de Magro, este facto pode ser explicado pelo estatuto categorial duplo deste morfema: nos casos em que o morfema *em* é um complementador, funciona como elemento proclisador e condiciona a próclise. Nos casos em que *em* tem o estatuto de preposição, está fora do domínio da oração infinitiva. Por esta razão, não actua como elemento proclisador e o resultado é a ênclise.

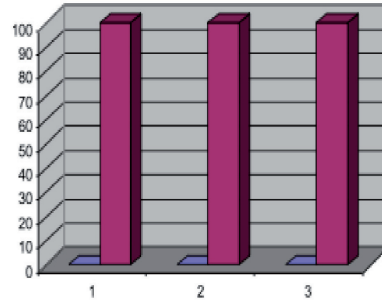
No que respeita às restantes preposições (*de, por, para, após, sem, até*), verificamos uma clara assimetria entre os contextos em que a forma infinitiva é flexionada e os contextos em que a forma infinitiva não é flexionada. No primeiro caso, a próclise é categórica; no segundo caso, há variação (entre 0.8% e 20% de ocorrências de ênclise). Esta assimetria entre o infinitivo flexionado e o infinitivo não flexionado não se verifica com as preposições *em* e *a*, o que é crucial, na medida em que sugere que não podemos usar o mesmo tipo de explicação invocando o duplo estatuto destes morfemas. Se qualquer um destes morfemas pudesse funcionar como genuína preposição, deveria ter um comportamento idêntico ao de *em*, admitindo a ênclise também com a forma flexionada. Contudo, no caso de *de, por, para, após, sem* ou *até*, o único padrão atestado com a forma flexionada é a próclise. Este é o padrão encontrado nos contextos que contêm outros elementos proclisadores, como a negação e advérbios aspetuais ou de focalização. Assim, concluímos que estes elementos são complementadores (logo, proclisadores) sempre que introduzem uma oração subordinada infinitiva, seja ela flexionada ou não. Deste modo, o único padrão observado com a forma flexionada é a próclise; com a forma não flexionada observa-se o padrão já verificado com os restantes proclisadores: variação, ainda que com clara predominância de próclise. Os quadros que se seguem representam os valores totais relativos a cada tipo de elemento proclisador: preposição-complementador, negação e advérbios aspetuais ou de focalização

Gráfico 3: Infinitivo não flexionado



Complementador Negação Advérbios Advérbio

Gráfico 4: Infinitivo flexionado



Complementador Negação Advérbios Advérbio

Resumindo, a peculiaridade do infinitivo não-flexionado consiste em revelar duas possibilidades de colocação dos clíticos mesmo na presença de elementos proclisadores (preposições-complementadores, negação e advérbios de focalização no domínio encaixado): apesar de a próclise ser o padrão predominante, a ênclise não deixa de ser possível. No caso do infinitivo flexionado, observamos apenas a próclise nestes contextos. Numa palavra, a presença da flexão de concordância determina sempre a próclise na presença de um elemento proclisador; a ausência de flexão, ao contrário, condiciona duas posições possíveis: enclítica e proclítica.

4.2 Duarte (2003) e Duarte, Matos e Gonçalves (2005)

Para Duarte (2003) e Duarte, Matos e Gonçalves (2005), o padrão de colocação dos pronomes clíticos em orações infinitivas é essencialmente o mesmo das orações finitas. A ocorrência de ênclise na presença de proclisadores em orações infinitivas é explicada por Duarte (2003) com recurso à elipse: as frases em que se obtém a ênclise são estruturas elípticas com um verbo modal ou temporal omitido, que não tem realização lexical, como se exemplifica a seguir:

- (14) O que [—] dizer-te?
Estrutura elíptica que pressupõe ‘O que devo/posso dizer-te?’
- (15) Não sei o que [—] dizer-te/
Estrutura elíptica que pressupõe ‘Não sei o que devo/posso dizer-te.’

Para explicar a variação que se verifica com operadores de negação, Duarte (2003) recorre ao estatuto duplo da partícula negativa: esta tanto pode ser um operador de negação frásica como um operador de negação de constituintes menores do que a frase (como em *uma pessoa não disposta a tudo*, em que a partícula de negação modifica apenas o sintagma adjectival). De acordo com Duarte (2003), quando a partícula negativa funciona como operador de negação frásica, desencadeia a próclise e legitima itens de polaridade negativa:

(16) Os meninos preferem **não** lhe dar **nenhum** livro.

Quando há ênclise, a partícula de negação tem um estatuto “quase-afixal”, negando neste caso constituintes menores do que a frase. Duarte defende que, nesta circunstância, um item de polaridade negativa não é legitimado, considerando (17b) agramatical:

- (17) a. Os meninos preferem **não** dar-lhe o livro.
 b. * Os meninos preferem **não** dar-lhe **nenhum** livro.

Apesar deste juízo de Duarte (2003), é possível encontrar exemplos comparáveis a (17b) na fala natural. Com efeito, se procurarmos a sequência *não dizer-lhe nada* no motor de busca do Google, encontramos vários exemplos, entre os quais os que a seguir se transcrevem:

- (18) a. Acabei por **não dizer-lhe nada** mas... para falar a verdade nem sei o que fazer. ooutrolado2.blogs.sapo.pt/tag/colegas
 b. Ela preferiu **não dizer-lhe nada**. Preferiu manter o silêncio e guardar tudo aquilo para si. naoseique1blog.blogspot.com/2006_11_01_archive.html

Estes exemplos contrariam a ideia de que a ênclise é incompatível com a presença de um item de polaridade negativa. Em face das dúvidas suscitadas pelos dados disponíveis, decidimos elaborar um teste para elicitación de juízos de gramaticalidade, em que testámos os contextos mais problemáticos. Na próxima secção apresentamos o inquérito e discutimos os resultados obtidos.

5 Teste de gramaticalidade e discussão dos resultados

O inquérito por nós elaborado testa só as questões levantadas pela discussão dos trabalhos de Magro (2005) e Duarte (2003), nomeadamente a variação em construções infinitivas sem flexão, na presença dos seguintes elementos:

- preposição-complementador para;
- advérbios de focalização;
- operador de negação;
- operador de negação e um item da polaridade negativa.

No total houve 45 informantes, estudantes universitários, falantes nativos do português europeu. Os informantes tiveram que escolher entre as duas variantes, ênclise e próclise, num contexto idêntico, marcando com ‘+’ a frase mais natural e com ‘-’ aquela que lhes parecia menos usada ou agramatical. O inquérito não excluía a possibilidade de os inquiridos aceitarem as duas frases. Na análise final do inquérito contámos as percentagens de ênclise ou próclise só nas frases que foram aceites pelos falantes. Deixámos de lado as frases que não foram aceites.

Quadro 11. Teste para elicitación de juízos de gramaticalidade

FRASES	“+”	%	Total
(1) a. Pediu-me para fazê-lo o mais rapidamente possível. b. Pediu-me para o fazer o mais rapidamente possível.	29 32	48% 52%	61
(2) a. Os candidatos decidiram só anunciá-la oficialmente depois de amanhã. b. Os candidatos decidiram só a anunciar oficialmente depois de amanhã.	30 16	65% 35%	46
(3) a. Ele decidiu não o fazer. b. Ele decidiu não fazê-lo.	33 22	60% 40%	55
(4) a. Neste momento, os alunos preferem não sujeitar-se a exame e fazer antes um trabalho. b. Neste momento, os alunos preferem não se sujeitar a exame e fazer antes um trabalho.	15 38	28% 72%	53

(5)	a. O governo pode não aceitá-las b. O governo pode não as aceitar.	21 37	36% 64%	58
(6)	a. Há que não deixá-los fazer isso. b. Há que não os deixar fazer isso.	18 33	35% 65%	51
(7)	a. O governo pode não aceitá-las agora. b. O governo pode não as aceitar agora.	21 34	38% 62%	55
(8)	a. As coisas voltaram a não lhe correr bem. b. As coisas voltaram a não correr-lhe bem.	38 15	72% 28%	53
(9)	a. Ele continua a não dizer-lhe a verdade. b. Ele continua a não lhe dizer a verdade.	17 35	33% 67%	52
(10)	a. Neste momento, os alunos preferem não sujeitar-se a <i>nenhum exame</i> . b. Neste momento os alunos preferem não se sujeitar a <i>nenhum exame</i> .	15 36	29% 71%	51
(11)	a. Ela prometeu não dizer-lhe <i>nada</i> . b. Ela prometeu não lhe dizer <i>nada</i> .	17 38	30% 70%	55
(12)	a. A vítima pode não lembrar-se de <i>nada</i> . b. A vítima pode não se lembrar de <i>nada</i> .	12 40	23% 77%	52
(13)	a. A vítima pode não lembrar-se de quem a agrediu. b. A vítima pode não se lembrar de quem a agrediu.	14 41	25% 75%	55
(14)	a. As coisas voltaram a não correr-lhe <i>nada bem</i> . b. As coisas voltaram a não lhe correr <i>nada bem</i> .	12 36	25% 75%	48
(15)	a. Ele continua a não dizer-lhe <i>nada</i> . b. Ele continua a não lhe dizer <i>nada</i> .	15 38	28% 72%	53

O primeiro contexto que nos interessava testar era a variação na presença de um complementador (cf. a pergunta (1) do Quadro 10). Interesou-nos saber como os falantes nativos ajuízam as ordens cl-VInf/VInf-cl em orações infinitivas introduzidas por *para* e selecionadas por verbos declarativos de ordem. Como já foi referido, tudo indica que, neste contexto, *para* funciona como complementador. Os resultados obtidos confirmaram que a variação é possível mesmo nestes casos.

O segundo aspeto testado foi a variação com advérbios de focalização (cf. a pergunta (2)). Aqui, a percentagem de ênclise é dominante (65%), o que difere dos dados do *corpus*, em que a ênclise não ultrapassou os 19 %.

A variação com o operador de negação foi testada em diferentes contextos, incluindo os verbos semi-auxiliares (cf. (4-9) e (13)). Como se pode ver nos exemplos (3)-(9) e (13) do inquérito, testámos a variação com o operador de negação em três contextos: em completivas verbais, com verbos modais e com verbos aspetuais. O inquérito mostrou que os falantes admitem a ênclise em todos estes contextos, sendo a percentagem de ênclise ainda maior do que a obtida no *corpus*.

Para testar a hipótese de Duarte (2003) acima referida, introduzimos no inquérito exemplos em que a ênclise ocorre na presença do operador de negação e de um item de polaridade negativa, como nos exemplos (10)-(12) e (14)-(15). Embora a próclise seja a variante preferencial nestes casos, a ênclise não foi totalmente excluída. Assim, concluímos que a variação em causa não depende do estatuto ambivalente da partícula negativa.

Resumindo, os dados do *corpus* e do *inquérito* mostram que, no PE, o infinitivo não flexionado admite a ênclise na presença de elementos proclisadores, sendo a percentagem de ênclise mais alta no inquérito do que no *corpus* em todos os contextos seleccionados.

6. Conclusões

Os dados quantitativos deste estudo revelam que as construções infinitivas com a forma não flexionada se distinguem das construções infinitivas com a forma flexionada e das orações de tempo finito no que respeita aos padrões de colocação das formas pronominais clíticas. As diferenças são detectáveis apenas nos casos em que há um elemento proclisador, mas são reais. Ao evidenciar diferenças entre domínios finitos e domínios infinitivos (sem flexão de concordância), o PE aproxima-se assim das línguas românicas como o italiano, o espanhol ou o catalão, nas quais também se verifica um contraste entre os dois domínios (a próclise é a única opção em orações finitas; as orações infinitivas exigem a ênclise). No caso do PE, sempre que há um elemento “proclisador”, a próclise é a única opção quer nas orações de tempo finito quer nas orações infinitivas com flexão de concordância; nas orações infinitivas com a forma não flexionada, ambos os padrões de colocação são possíveis no referido contexto. Este estudo confirma assim a ideia de que a presença da flexão de concordância verbal tem um papel determinante na colocação dos pronomes clíticos, tal como defendido em Raposo e Uriagereka (2005).

A pesquisa quantitativa levada a cabo neste estudo permite ainda concluir que, nos casos em que há variação entre os dois padrões de colocação, há uma muito clara preferência pela próclise, facto nunca antes observado na literatura.

Referências

- BARBOSA, Pilar (1996), «Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects», in A. Halpern and A. Zwicky (eds.), *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*, CSLI Publications, Stanford, Calif., pp. 1-40,
- BARBOSA, Pilar (2008) “Deslocação Local, Cliticização e *Spell-out* cíclico”, *Diacritica* vol. 22, nº1, pp. 131-156.
- DUARTE, Inês (1983), «Variação Paramétrica e Ordem dos Clíticos», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* 50, pp. 158-78.
- DUARTE, Inês (1992), “Complementos infinitivos preposicionados e outras construções temporalmente defectivas em português europeu”, *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, APL, Lisboa, pp. 145-158.
- DUARTE, Inês/ Gabriela Matos (2000), «Romance Clitics and the Minimalist Program», João Costa (org.), *Essays in Portuguese Comparative Syntax*. Oxford Press, New York, pp.116-142,
- DUARTE, Inês. (2003), “Padrões de colocação dos pronomes clíticos”, in M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva *Gramática da Língua Portuguesa*, 6ª edição, Lisboa, Caminho.
- DUARTE, I., G. Matos & A. Gonçalves (2005) «Pronominal Clitics in European and Brazilian Portuguese», in *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 4, nº2, pp. 113-141.
- MADEIRA, Ana Maria (1992), On Clitic Placement in European Portuguese, in H. van Koot (org.), *UCL Working Papers in Linguistics 4*, University College, London, pp. 95-122.
- MAGRO, Catarina (2005), “Introdutores de Orações Infinitivas. O que diz a sintaxe dos clíticos”, in *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, pp. 649-664.
- MARTINS, Ana Maria (1994), *Clíticos na história do Português*, Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, 6ª edição, Caminho, Lisboa.
- RAPOSO, Eduardo (1986), “Prepositional Infinitival Constructions in European Portuguese”, in O. Jaeggli and Ken Safir (orgs.), *The Null Subject Parameter*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, pp. 277-305.

- RAPOSO, Eduardo (2000), «Clitic Positions and Verb Movement», J. Costa (org.) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*, Oxford University Press, New York, pp. 266-297.
- RAPOSO, Eduardo & Juan Uriagereka (2005), «Clitic Placement in Western Iberian: A minimalist view», in *Handbook of Comparative Syntax*, Guglielmo Cinque / Richard Kayne (orgs.), Oxford University Press, Oxford, pp. 639-697.
- RIZZI, Luigi (1978), «A Restructuring Rule in Italian Syntax», S. J. Keyser (ed.), *Recent Transformational Studies in European Languages*. MIT Press, Cambridge.
- RODYGINA, Olga (2009), *Colocação dos pronomes átonos nas orações infinitivas no português europeu*, Tese de mestrado, Universidade do Minho.
- ROUVERET, Alain (1992), «Clitic Placement, Focus and the Wackernagel Position in European Portuguese», ms., University of Paris-8.
- SAID ALI, Manuel (1964), *Gramática histórica do português*, Melhoramentos, Rio de Janeiro.
- URIAGEREKA, Juan (1995), «Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance», *Linguistic Inquiry* 26, pp. 79-123.
- VIGÁRIO, Marina (2003), *The Prosodic Word in European Portuguese*, Mouton de Gruyter, Berlin & New York.
- ZWICKY, Arnold M. (1977), *On clitics*, Indiana University Linguistics Club, Bloomington.

Corpus consultado:

CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público), disponível em <http://dinis.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>, consultado em Abril-Maio de 2009.